

DE FRANCISCO ROLLIM

NATUREZA MORTA

A natureza feliz canta e dança
E protege o homem sem esperança,
De que a recíproca seja verdade.
Hoje, ela chora de tanta crueldade.

A natureza implora ao ver verdugos
De machado, serra, fação e tarugos
Cortar-lhe a beleza, o viço e a saúde.
Creu viva. Viver sempre a plenitude.

Sem piedade os ímpios da Campina,
Devastam esta indefesa menina.
O favor político cega o homem.

Toldam-se o céu, a razão e a realidade.
Órfã, geme a cidade, com saudade ...
Do cipreste, d'aroeira e do venvém.

NOTURNO

Sobre a terra cai o silêncio. Por infinita
Estrada, passo a passo vai, segue o féretro,
Ao cemitério levam-no. Vês esquisita
Gente. À frente, um vulto balançando um cetro.

Embalam o cortejo com cantos de Ravel
O morto numa rede vai. Segue suspenso;
Uma mulher enxuga as lágrimas ao lenço;
Choro ao ar, despede-se o dia, cumpre seu papel.

Ao pio d'ave; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite ao abraçar-se ao luar, ilumina-se.
Uma coruja a soluçar; a folha farfalha.

Estando suspenso no ar o rumor das calmas
Horas, acima dele em silêncio, fixa-se
O júbilo mudo e suplicante das almas.

BENDITA LEITURA

Homens, essa é a primeira e mais importante de todas as lições, a leitura alimenta o saber, o pão o corpo, e esse a terra, o saber ao espírito. Não se esqueçam jamais desse alimento que não sacia a fome, mas o conhecimento.

Bendita seja a leitura q'enobrece o homem
Que tira a poeira da mente, areja, traz lúmen.
Quanto mais lemos mais aprendemos, conhecer.
Tanto mais aprendemos, mas humilde é o saber.

Não há divisão de classe, predileção nem
Por brancos, negros, amarelos. Só faz o bem.
A leitura liberta o ser de o ignorante ver.
Leitura! Aplaudida sejas. Saber, entender.

Adquirir linguagem, desenvolver o saber,
Estruturar competência crítica leva
O homem a confirmar perante outro homem,

Que a leitura mesmo ao principiante faz viver,
É a força, pão ou barro com que o criador subleva,
É o alimento que os homens dela tiram, comem.

MUSA

Tudo são sombras na imensidão cósmica,
A solidão nigérrima fria e triste,
Abraça e acalanta as almas em pranto.

Viver o doce amargo deste canto,
Nas lembranças recônditas dentro de mim,
São desejos de uma vida, sem fim...

Longe, no infinito imenso, repousa
A bela musa que em meus sonhos plasma.
Faceira, arrogante, silenciosa, icônica.

Envolve-me, sempre, com seus doirados braços
A cada quarto, no meu quarto, nos nossos quartos,
É a lembrança derradeira que sempre volta.

Volteia-me, serpenteia-me, abraça-me,
Sensuais desejos relampejam alegres e tristes,
Na certeza desse impossível amor.